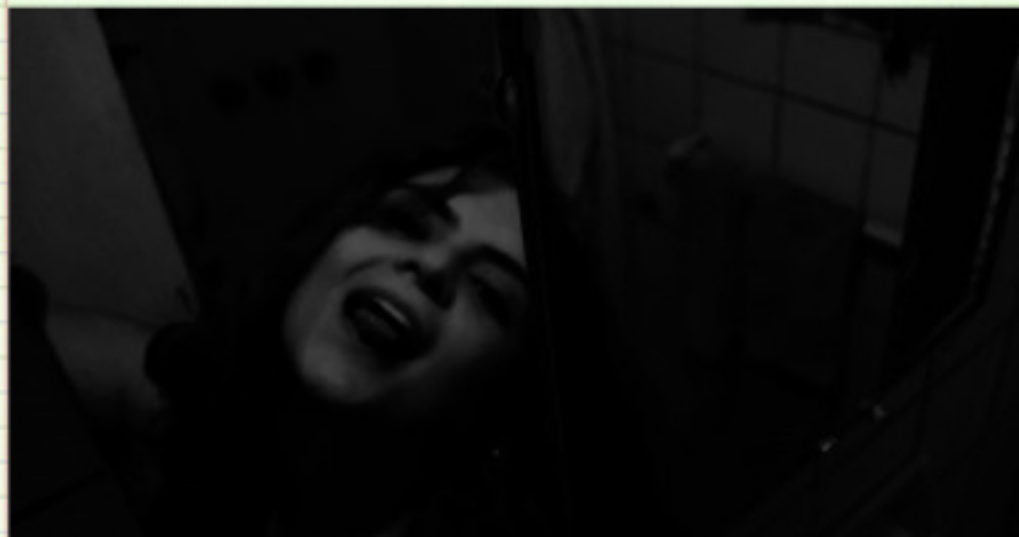




Mini inventário dos
delírios dela

Po. / Maria Isabel Viana



Isso não é um livro.

São suspiros e pequenas alegrias de uma noite de Outono.

Catarse de paisagens que trago em mim e que, provavelmente, só a mim interessam e mesmo assim, me reservo ao direito de compartilhar, porque sei que alegrias se compartilham, mesmo as pequenas, as ínfimas, as últimas.

Buenos Aires, Maio de 2014,

M.I.V

Esse é um textinho para a mulher que queria ser a mulher mais infeliz do mundo...

DO QUE NÃO TEM CURA

Sabia que a febre de tudo em que há muita vida, se refletia nela. E era assim, em terceira pessoa, que melhor podia se encontrar. Uma vez ao tomar um ônibus achou engraçado o fato de o trocador lhe paquerar e imaginou rodar horas naquele transporte sob a desculpa de ser observada e desejada, quem sabe.

Já havia abandonado as vírgulas de outros textos e agora que as folhas secas iam embora, davam lugar a tudo que prometia ser bom, belo e barato. Mas dentro de tudo que tem sangue, também se paga caro.



Assim com pensamentos gratuitos foi-se, andou serra, asfalto, favela e lá longe, quem sabe no coração, sentiu cheiro de mar. E para o mar seu corpo quis ir. Para o mar queria ir sem pressa, ser presa pela maresia que cega, que cansa e faz suar.

Para o mar onde todo o sal pudesse curar suas feridas, desinflamar seus olhos e fazer ver o mundo turvo, talvez bicolor. Amarelo e azul.

Para o mar poderia ir e pegar emprestado ou quem sabe roubado alguns ramalhetes afundados e naufragados de outros amores desgraçados, que a areia insistia em apagar as letrinhas. Para o mar, onde nada deveria sair ou regressar. Para o mar, que seria sua morada, sua brigada, sua vida desenfreada e desaguada.

Para o mar se foi cantar

A mulher e o último amariz

Era um bichinho verde, estranho dizia a mãe. Sua espécie, ainda não catalogada em nenhum órgão de proteção e de pesquisa científica. Há muito tempo rondava o quarto e um dia a mãe penalizada, pegou na mão e deu-lhe comida. Depois deu banho, colocou para dormir, preparou uma caixa com almofadas ao lado da cama e até sentiu vontade

de niná-lo.

No outro dia acordou-o com um leve toque, tomaram café, saíram a passeio no sol matinal, regressaram. A mãe foi trabalhar. Na volta estava ansiosa para revê-lo. Deixou a bolsa na sala e correu. Estava sentado no quarto. Quando viu a mãe, quase chorou, parece que de alegria. **Foi aí que tudo começou...**A mãe comprou roupas, fazia penteado, usava perfume caro, levava à praia e com olhares de esguio dos transeuntes, achava que as pessoas eram inconvenientes. Resolveu não mais ir à praia e comprou uma enorme piscina de plástico.

Divertiam-se aos domingos entre pipocas e banhos, assistiam filmes, riam um do outro. A família renegou a situação e passou a não mais ir aos encontros de sábado. Pintou a casa de verde mas o quarto deixou branco para que ele se destacasse e não se sentisse parte da pintura. Quis lhe dar um nome, mas depois achou estranho dar nome a algo nunca visto...**é melhor amar sem rótulos.**

Viveram assim, durante anos, até que um dia resolveram se separar.



A mãe dizia que ele se sentia entediado e que era necessário conhecer outras pessoas. A mãe argumentou, falou da pintura, da piscina, das roupas, das músicas de ninar...não houve feito.

Até que em atitude desesperada ela jogou pimenta, cebola e água fervendo, fez uma sopa deliciosa e pôs a chorar, depois num jato de vômito viu sair pela boca olhinhos, tão tristes ,mas tão tristes que

não houve tempo nem espaço para tanta solidão aos dias que seguiram....



Nada sobre o amor

Eu estava apaixonada. E as palavras ficam meio perdidas ou saem sem sentido, quando estamos nesse estágio.

Eu me pegava escrevendo... "mas o amor era como...", assim não sabia continuar ou decifrar o que queimava minhas pernas. Uma saudade se iniciava naquele domingo, apesar dele não saber disso. Ele: o coração. Esse músculo que não salva.

E amar, então, podia ser uma saudade não aliviada.

Anteontem eu comecei a amar, também, a cidade, suas pichações e degradações. Os prédios mal conservados que me rodeiam, falam para ninguém. Mas há uma sinceridade tão aguda ali, que me dói os ouvidos. As pichações, misto de raiva, revolta, frases de amor, que escrevem uma cartografia anônima, ficam ali como enfeites de um hospício que ninguém visita. Formam uma cidade a parte. Denunciam, reagem, amam.

Pensei em escrever teu nome em algum lugar e filmar, pra você ver como estou melhorando... na verdade pensei em fazer isso para te salvar.

NADA SOBRE O AMOR
NADA SOBRE O AMOR
NADA SOBRE O AMOR
NADA SOBRE O AMOR
SOBRE O AMOR O NADA
SOBRE O AMOR O NADA
SOBRE O AMOR

Não consigo por medo. Por isso as escritas apaixonadas e rabiscadas me fascinam tanto. Me mostram que a coragem é possível. Coragem- Agir com o coração. Já falei disso em outro texto...lembra?

Eu poderia muita coisa, tenho uma capacidade nata de me autossabotar e por não encarar o amor, como um suicídio lento, não me entrego. Talvez seja isso, ou isso seja uma desculpa covarde, mais uma entre tantas. A verdade é que não sei e foi esse meu "não saber" que me trouxe até aqui. Marcada, manchada. Estamos nesse mesmo ponto, você sabe.

Eu escrevo os textos, porque escrever vai me alimentando, vai me sublinhando, me deixando por fora de mim e assim de fora eu me vejo melhor.
Vejo quanto amor há dentro da nossa solidão.



De volta à Vila do Touro

E como se ali houvesse dança, quis rir de todo tempo que não voltara mais, viu os mais novos entrando, carregando para longe, com esforço, móveis que a poeira insistia em corroer.

-Assim.

Disposto a se entregar ao fardo da pianola no canto da sala, sentiu as verdades lhe afugentarem o juízo e o remorso penetrar pelos rebocos e frestas que já amanheciam.

-Por aqui.

Era inútil toda madrugada de sal que passara ali entre revoadas de peixes e cachos de banana. O sol alavancava as roupas vermelho-mofo penduradas no varal de arame que arranhava. Não mais que sua consciência.

-Esse.

A terra áspera esperando qualquer coisa, que lembrasse um dia de alegria, em lugar tão solitário, com pés de vento e sapatos trocados de ciganos, andarilhos...pegadas. Ao meio-dia, ao tapar com o último prego a porta enferrujada pelo rancor, se ouviu o estampido que vinha de dentro da casa, onde a vida já não lhe dera permissão.

Os rostos estupefatos pelo horror, alguns de cabeça baixa, as crianças rasgadas pelas brincadeiras e dilaceradas pela pobreza que lhe convinha, entoavam cirandas e sorridentes davam-lhe adeus.

“Lagarta pintada quem foi que te pintou, foi uma velhinha que por aqui passou...”

Mais na frente viu-se uma placa :

“e o amor era só um menino
travesso de roupa rasgada e sandálias nas mãos”

Mini inventário dos delírios dela

Maria Isabel Viana

Capa: Sarah Marques

Fotos e ilustração: Maria Isabel Viana

Artistas fotografadas: Sarah Marques, Sol Moufer.

boulevardcrime.blogspot.com.br